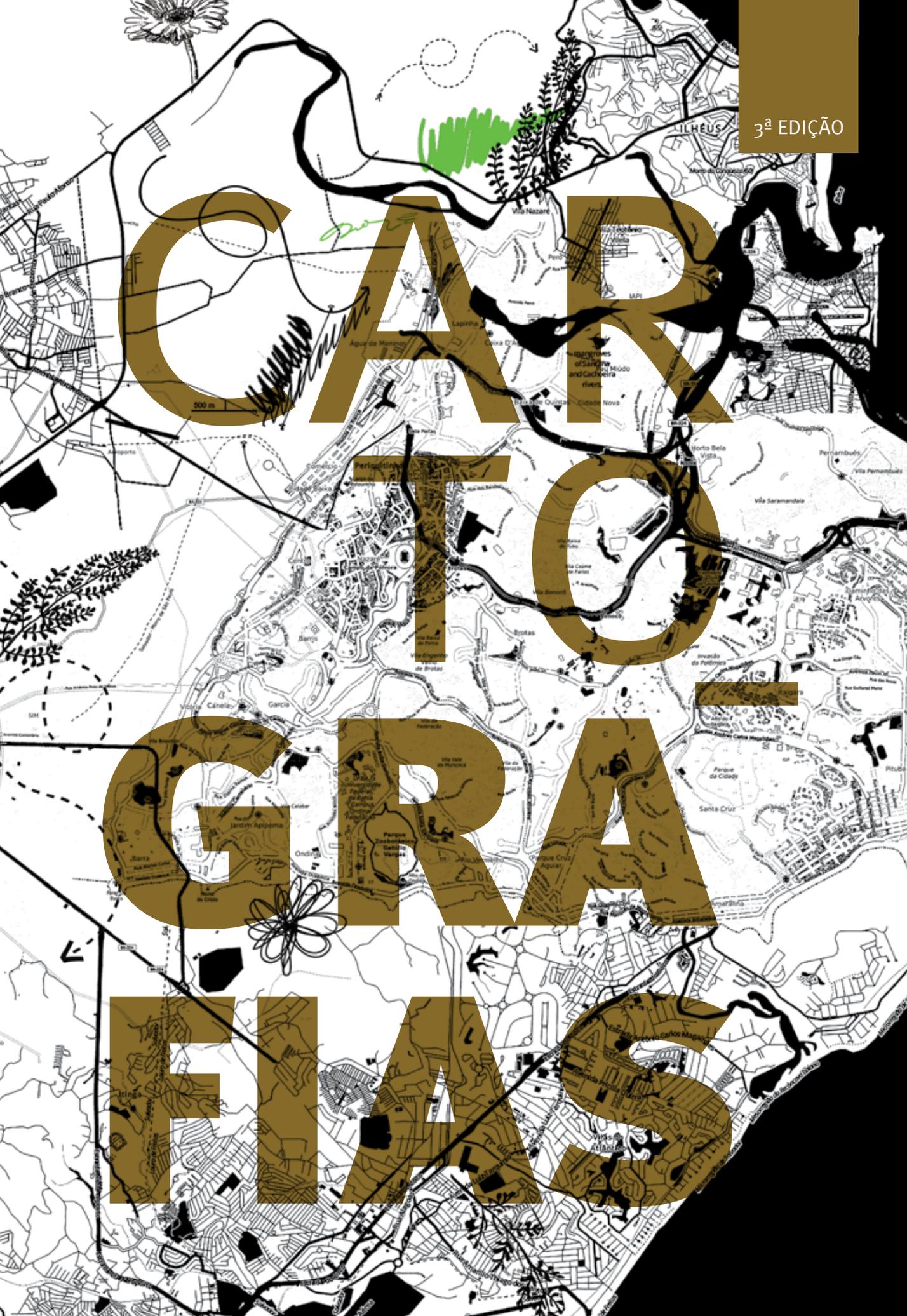


CAR

TOR

GRA

FIAS



PALAVRAS EM TRANSLAÇÕES

Essa é a terceira, das quatro publicações do Mapa da Palavra.BA, e é um convite ao deslocamento sobre relevos diversos, a cartoGRAFIA da literatura na Bahia de agora.

Aqui, Nordeste e Lampião; versos na calçada, mochila desfeita; línguas; rádio cor de abóbora e o fluxo das horas; aprender a nadar nas ondas dos cabelos; poemas debaixo da cama, dentro de armários; chuva de folhas secas, folhas escritas, colheitas; o boi, o umbuzeiro, o olho da planta; os dilemas.

Aqui, mais uma portajanela aberta. A possibilidade de acesso a diversos mundos literários, dentro da Bahia. Parte da produção literária que existe no Estado, atualmente, e muitas vezes, encontra-se fora das rotas de leitura.

Difundir esta cartoGRAFIA é promover um diálogo estético, espacial; criando relações entre cidades, artistas, formas de criar. É expor entonações e estilos diversos e apostar na troca de experiências e na reflexão.

TEM GENTE QUERENDO SEPARAR O NORDESTE DO RESTO DO BRASIL

Elton Magalhães

A CASA, O AMANTE E O EXÍLIO FRAGMENTOS

Nanda Leturiondo

S/TÍTULO

Nanda Leturiondo

O BEIJO DE CAETANO VELOSO

Gildeci Leite

ESTAÇÃO

João Lopes Filho

HIATO

João Lopes Filho

A CASA DE SANTINHA

Pawlo Cidade

ESTAVA LÁ

Almi Junior

CHEIRO DE CAPIM CORTADO

Mogg Mester

POEMA SECO (12 DILEMAS)

Luís Pimentel

TEM GENTE QUERENDO SEPARAR O NORDESTE DO RESTO DO BRASIL

Elton Magalhães

Hoje em dia, é comum a todo instante
Qualquer um se esbaldar falando asneira;
Muitas vezes parece brincadeira
De mau gosto, haja visto que é ultrajante.
Uma corja de gente ignorante
Tem cuspidado um latim demais hostil
Que nos fere tal bala num fuzil
Provocando quem nunca quis brigar
Pois tem gente querendo separar
O Nordeste do resto do Brasil.

Os irmãos que de lá do Sul/Sudeste
Não aceitam a nova posição
Conquistada por todos do Sertão
E demais regiões do meu Nordeste
Já demonstram seu ódio inconteste
Por qualquer ser humano no perfil
Cá de cima, e querem tornar vil
O direito que temos de votar
Pois tem gente querendo separar
O Nordeste do resto do Brasil.

Vê se pode pensar tanta besteira
Os que querem a tal segregação?
O Nordeste é o motor dessa nação
Desde o início ele foi nossa porteira
Fato é: gente mais hospitaleira
Nessas terras afirmo – ninguém viu.
Muita gente importante aqui surgiu
E essa história ninguém pode apagar.
Mas tem gente querendo separar
O Nordeste do resto do Brasil.

Se existisse essa tal separação
 Imaginem, amigos, que problema:
 Certamente seria um gran'dilema
 Desfazer toda essa tradição
 Inventar uma outra formação
 E também novo código civil
 Procurar, de maneira bem sutil
 Grandes feitos dos nossos camuflar
 Pois tem gente querendo separar
 O Nordeste do resto do Brasil.

Eu que sou nordestino orgulhoso
 Vou lembrar aos do Sul nossa riqueza.
 Partirei, desse modo, na defesa
 Desse povo que em tudo é virtuoso
 Desde já, eu me sinto receoso
 Já que exemplos eu tenho a mais de mil.
 Tentarei, desde agora, ser gentil
 E não queiram em nada se zangar
 Pois tem gente querendo separar
 O Nordeste do resto do Brasil.

No Nordeste nasceu a Capoeira
 Mestre Bimba e Pastinha aqui são mitos
 O Cordel, com seus temas infinitos,
 Leva ao mundo esse nome, essa bandeira.
 Nosso Samba de Roda na primeira
 Capital do país foi que surgiu
 A Embolada pra nós sempre serviu
 Como festa pro povo se alegrar
 Mas tem gente querendo separar
 O Nordeste do resto do Brasil.

Nosso mestre maior, o Gonzagão,
 Com seu fole arretado fez história
 Foi de fato a figura mais notória
 Do Nordeste. Cantou a tradição,
 Transformou o Forró, fez o Baião,
 Conquistou o país; quem o assistiu
 Não se esquece do cabra varonil
 Que um palco sabia dominar
 Mas tem gente querendo separar
 O Nordeste do resto do Brasil.

A CASA, O AMANTE E O EXÍLIO FRAGMENTOS

Nanda Leturiondo

pensei em aprender malabares
deixar ver a palhaça
dar nome e roupa
me fazer de louca

cogitei aprender tamborim
gastar tinta
pintar um autorretrato
ou as paredes do quarto

ensaiei
dançar na chuva
escrever versos na calçada
sair da arquibancada

só que as outras em mim andam preguiçosas
dormem sono pesado
não vou despertá-las,

por ora, deixo-me assim:
amontoadas dessas indolentes

S/TÍTULO

Nanda Leturiondo

ontem desfiz a mochila
sempre trago mais do que levo
ensaio escrever, deixo pra depois
e durmo cedo de cansada

hoje me desfiz do cansaço
sempre trago mais do que levo
corro quarenta minutos, tento chegar logo
e um pouquinho de mim sempre chega depois

amanhã me desfaço da saudade
sempre trago mais do que levo
tenho o que fazer, achar vaso e adubo
e cuidar pra minha arruda não morrer

O BEIJO DE CAETANO VELOSO

Gildecil Leite

Lembro-me que fiquei assustado com as palavras apocalípticas de um profeta dentro de um ônibus lotado em Salvador. Ele anunciava o fim do mundo. Por tantos sinais, tantas evidências, o fim estava perto e ele insistia em lembrar-se disso. Os gritos incomodavam cochilos revigorantes, direito adquirido por quem tivera a coragem de conquistar um assento.

Hoje, acredito que ele levou a conversa para o lado de Caetano por desejo mal resolvido. Começou a expor seus preconceitos a partir da música “Língua”. Neste momento, ouvi uma das piores aulas de interpretação textual. Ele afirmava que Caetano tinha um relacionamento amoroso com Luiz Vaz de Camões. Ainda mostrava-se indignado por o compositor ter a coragem de afirmar isso em uma música que tocava nas rádios de Salvador.

Ouvi uma voz de mulher gritando em defesa do santamarense: a vida é dele e ele faz o que quiser. Lutando contra os gritos do senhor da verdade, a multidão resolveu cantar um trecho da música: “A língua é minha pátria e eu não tenho pátria”. O apóstolo enfurecido disse que o cantor também era traidor da pátria. Perguntava em tom solene, como poderia alguém dizer que não tinha pátria.

O que eu acho mais legal de tudo é que com o riso, a fala preconceituosa do pregador foi descredenciada. Havia outros preconceituosos e desinformados, mas se encantaram com a arte. O balanço de “Língua” tomou conta do ônibus, e, graças a Caetano começamos a esquecer as pregações apocalípticas. A alegria reinou naquela viagem, e um casal já praticava o movimento de línguas proposto na música. O longo e torturante trajeto fez-se um batuque carnavalesco. Sem admitir-se vencido, o apóstolo bradava que o demônio havia se apoderado do ônibus.

O motorista sorria e, com apoio da torcida, todos em prol de Caetano Veloso, usava despudoradamente a palavra mais multiuso da Bahia: “Cale a boca p...!” Foi uma maravilhosa esculhambação. *Vivas e salve Caetano* eram como tiros no peito do inflamado

representante do senhor. A maioria não sabia a letra toda, mas reinventavam, e, em unísono o ônibus dizia ao insatisfeito: “A língua é minha pátria”. Houve tempo para aprender, com certa variação, a parte que segundo o fiel, seria a mais obscena de todas e o roçar da língua de Caetano na língua de Luiz Vaz de Camões saía entre risos e gritos: “Gosto de roçar a minha língua na língua de Luis Vaz de Camões”. Quem mandou o pregador ficar repetindo esse trecho entre protestos e revirar de olhos?

Acho que poucos sabiam o sentido da música, mas pouco importava se Caetano tinha ou não beijado o tal do Camões, todos sentiam a música bonita e dançante. A festa só diminuiu com o cansaço do coral e finalmente com a descida do profeta do ônibus, sob vaias e palavrões. Ri muito, esqueci do fim do mundo.

Um rapaz, já fora do coletivo, confessou que o profeta passou toda a viagem aproveitando-se do aperto para proteger suas costas. Bem relacionado, dizia o rapaz: já trabalhei no camarim de Caetano e ele já me apresentou muita gente, mas Camões só se o pessoal do Axé invocar o egum (espírito) dele.

Ri muito e contei, para quem pude contar, que Camões já havia partido dessa para melhor há séculos antes do nascimento de Caetano, basta ler as primeiras páginas do livro do primeiro ano do ensino médio de língua portuguesa. O pessoal começou a dizer que o pregador era despeitado. A mulher que gritou em defesa do filho de dona Canô levou uma revista de fofoca que falava de mulheres e de filhos de Caetano.

Graças ao encontro da língua de Caetano com a língua de Camões em pouco tempo o pregador desistiu de nosso ônibus. O rapaz que fora afagado sentiu saudades e sentiu-se traído. Como vingança, contou tudo o que acontecia entre ele e o pregador no ônibus para a plateia atenta. O fiel subiu na vida. Comprou um carro de luxo e, em pouco tempo, abandonou os ônibus. Já Caetano continua a se relacionar com Camões, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa e com outras mentes, profetizando ao sabor dos ventos metáforas para quem quiser entender.

ESTAÇÃO

João Lopes Filho

na estação
de um vai e vem frenético
não chegam as palavras precisas

como cerzir o poema
que dança no vácuo?

do trem
só ressoa
o rádio cor de abóbora
que amplia caetano veloso
mão errante

nos trilhos sinuosos
escorregam as palavras
no outono da mais oriental
das américas

HIATO

João Lopes Filho

a porta
quase janela
me traz o céu azul e nuvens brancas
entre quadrados
por trás dos prédios pálidos
onde não vejo as gentes a circular

é engano
não é o verão que desejo
é a estação das chuvas
que logo recobrirá
o sol

é um hiato
no fluxo das horas
enquanto espero
o mais simples dos verões

A CASA DE SANTINHA

Pawlo Cidade

CENA 1 – Luz cresce em resistência na cozinha. O doce aroma do café invade todo o teatro. Dona Déa termina de coar a bebida em uma chaleira. Um galo anuncia os primeiros raios de sol. Ouve-se o latido de um cachorro. Dona Déa se afasta do fogão, limpando as mãos no vestido. Em seguida, tira a água fervente de outra panela despeja vagarosamente dentro de uma bacia grande, de alumínio. Pára. Coloca um pouco de água fria de uma lata pequena ao pé da mesa. Põe água quente novamente e repete o processo até a água ficar na temperatura ideal. Ela canta.

Dona Déa

(cantando)

*Foi nas ondas do teu cabelo
que aprendi a nadar,
mas faltou-me
a luz dos teus olhos
e eu não pude navegar...*

Maria, ô, Maria! Acorda, menina! Seu pai precisa sair.

Zé Felipe

(entra em cena, arrastado os pés)

Deixa a menina em paz, mulé. Não carece de chamá-la. Destá que eu cuido das alpercatas e dos emborná. Tu já pôis a rapadura e a carne seca?

(senta num banquinho de madeira)

Dona Déa

E num já? Tá tudo aí dentro. Dispois não arreclame de ter esquecido nada. Vosmicê sabe que Maria é jeitosa pra essas coisas. Nunca que deixa vosmicê esquecer de nada. Arruma tudo direitinho quando tu vai pra Santa Brígida.

(coloca café numa caneca e oferece ao marido)

Zé Felipe

Num carece não, já disse. Num vô demorá. É só o tempo de pegar um feijão, pagar umas conta e arranjar munição pro hêmim.

(O menino Zezinho, que dorme na sala, acorda. Levanta na ponta dos pés e, escondido, ouve a conversa dos pais).

Dona Déa

(surpresa. Vira-se para o marido)
O hòmim? Ele tá vindo pra cá, é?

Zé Felipe

Vem sim. Deve ficá uns três dias. É bom sargá umas carnes, empilhá umas rapadura e prepará uns queijo de coalho que ele gosta.

Dona Déa

Eu sabia! Minha intuição num erra. E o pessoá lá do Torá já sabe?

Zé Felipe

Foi meu irmão que veio avisá.

Dona Déa

(animada)
O capitão também gosta das paçoca que eu faço. Vou deixar água fresca no reservatório. O bando deve vir numa sede danada!

Zé Felipe

(calçando a alpercata)
Faça isso.

Dona Déa

Faz mais de ano que ele num aparece. Também, tem macaco de quatro estado atrás dele. (De súbito) Zé, num seria a hora de nós apresentar nossa fia ao capitão? Vai que ele gosta dela.

Zé Felipe

(ríspido)
Endoideceu, mulé? Maria agora é mulé casada. Ô tu esqueceu que ela ainda é mulé do Zé Neném?

Dona Déa

Antes num fosse. Besta foi tu que inventô esse casório. Há cinco anos que minha fia tá infeliz. Aqueles dois mais parecem gato e rato.

Zé Felipe

Foi o mió pra ela. Agora nós tem que respeitá.

Dona Déa

Foi mió e num foi mió.

Zé Felipe

Que conversa mais sem pé nem cabeça é essa, mulé.

ESTAVA LÁ

Almi Junior

Sempre penso
Que meus pais esperavam qualquer coisa
Menos
Gerar um poeta

Espinho
Que sangra ao tocar em flores

Dei muito trabalho a eles
Acordados durante a noite
Tentando me acalmar
“Calma filho
Não tem nenhum poema debaixo da sua cama”

Mas tinha
E tem

Debaixo da cama dentro do armário dentro das
gavetas dos bolsos no quintal de noite derru-
bando as panelas abrindo a torneira da pia do
banheiro jogando pedrinhas na minha janela me
chamando pra sair puxando o meu pé

Um dia eu saí
E nunca mais voltei

Nunca saberei se foi um sonho. Ou se ainda é.

CHEIRO DE CAPIM CORTADO

Mogg Mester

Se soubessem do que realmente aconteceu, as pessoas que o conheceram jamais se recordariam dele por quem foi. Não. Elas se lembrariam de quem foi ele pelo que se tornou. E pelo seu fim. Raramente se foge a essa regra.

Tudo começou quando ele era jovem. Menino novo, nascido na imundície do cimento, vez por outra se via metido no interior do Estado, em sítios dos tios, embrenhado em aventuras-sonho com primos e amigos.

Mas, de tudo isso, do que ele mais gostava era o cheiro do capim. Não somente capim, mas o cheiro de capim cortado. Odor agridoce, meio fermentado, meio perfumado, que exalava toda vez que os tratores cortavam os pastos de colômbio para dar de comer aos animais.

Ele jamais se esqueceria da primeira vez em que sentiu aquele cheiro maravilhoso, repleto de nostalgia de origem desconhecida. Ainda se recordava de como se deitou sobre o capim cortado, aspirando aquele aroma tão gostoso quanto o perfume feminino (que aspiraria em demasiado alguns anos mais tarde). Contudo, ali, era apenas um garoto com aventuras-sonho para viver-sonhar, apaixonado por um cheiro melífero e translúcido; verde.

Quando tinha que retornar à cidade, era com dificuldade que se adaptava à antiga rotina.

Ocasionalmente ainda encontrava algum resquício daquela exalação deliciosa quando, de ônibus, passava por algum lugar onde funcionários da prefeitura rebaixavam o mato de acostamentos e canteiros. Era um odor residual, contaminado pelo fel dos combustíveis queimados, apesar de o arremeter às lembranças dos lugares que amava.

O tempo foi passando e então veio a adolescência. E ele, saudoso, vivia recordando o bom tempo em que podia dormir uma tarde inteira sobre o capim cortado, sem pudores ou compromissos com que se preocupar. Precisou suprir a falta com o cheiro de mulher (em demasiado), coisa não muito diferente, mas que provoca as mesmas sensações gostosas que o odor de capim ceifado traz, sem, contudo, nunca as superar.

Ele se casou; teve filhos. Arranjou uma casa com varanda e quintal na Alameda dos algodões flutuantes, coisa cada vez mais rara em cidades grandes, onde podia cultivar um jardim, só para poder cortá-lo e sentir a sua essência. Vez por outra nevava algodão e o aroma se completava.

Entretanto, o capim custava a crescer. E ele, em sua urgência, fascinado por aquele odor, buscava outras formas de senti-lo. Comprou uma fazenda, o que no início foi bom, mas não podia passar o tempo todo nela; tinha um trabalho a executar na cidade. Sua fome por aspirar mato ceifado foi crescendo à medida em que os meses passavam. Já não bastavam fins de semana na fazenda; nem jardim, nem parques, nem capim arrancado de canteiros. Por que não faziam um perfume de capim cortado?

A obsessão dele chegou a tal ponto que em um feriadão em que foi passar na fazenda, ele se meteu no mato e desapareceu como um curupira, como antes fazia em suas aventuras-sonho. Não sabia por que, mas havia se inspirado ao ver a chuva de algodões na alameda.

E enquanto caminhava por entre as touceiras de capim colonião, arrancava pedaços e aspirava seu cheiro, cada vez mais seduzido pelo mesmo. Foi quando viu um boi parado, pastando docilmente em meio àquele pasto infundável. Ele o invejou.

Queria ser como aquele animal: livre, despreocupado, fungando eternamente aquele cheiro enquanto ruminava e pensava na próxima vaca em que montaria. Sim, desejava aquilo. E como.

Inconformado com sua realidade, ele decidiu se deitar um pouco e adormecer como antigamente. Arrancou alguns pedaços do colonião, fez uma cama verde e se jogou sobre ela. Ficou aspirando o perfume da forragem enquanto mergulhava em um sono profundo; sem sonhos. Quase uma morte.

Quando já anoitecia, ele acordou assustado. A experiência havia sido tão boa que caíra em um autoesquecimento genuíno. Ego perda; Ego morte. Tal como em estados alucinogênicos defendidos por Timothy Leary.

Tentou levantar em um pulo, como fazia enquanto criança, mas sentiu dificuldades.

Seu corpo estava pesado demais. Quão gordo deveria estar para que aos quarenta e três anos não mais pudesse levantar de supetão?

Buscou esticar as pernas e lançá-las para cima, para ajudar na manobra, contudo mesmo isso havia se tornado quase impossível naquele momento. Sua cabeça pesava, seu pescoço parecia gigante e sua boca salivava profusamente.

Achando-se doente, talvez com dengue ou raiva, pôs-se de quatro, única posição confortável, quase devidamente adequada, e começou a caminhar para o riacho que margeava a fundo de sua fazenda. Estava sedento; podia jurar que beberia mais de quarenta litros de água quando pudesse.

Ao chegar lá, meteu-se a tentar ingerir a água. Mas sugá-la era muito difícil, e usar as mãos, ficar presas no chão, impossível. Usou a língua para levar aquele alimento precioso à boca.

Foi então que, com um sobressalto, percebeu a mudança em seu rosto. O reflexo da água, como um espelho, mostrou-lhe a verdade e o pôs em um pesadelo em que jamais estivera metido. Ele viu as orelhas pendentes, os olhos esgazeados, as grandes narinas que tinha e, como no livro de Kafka, ele se viu transformado; não em uma barata gigante, mas em um boi gordo. Como Gregor Sansa, ele se viu exasperado. Pensou na família, no trabalho e em outras coisas.

Sem uma resposta para a sua pergunta: “Como, que diabos!, aquilo havia acontecido?”, ele começou a pensar em todas as possibilidades possíveis: Seria aquilo um sonhoaventura? Estaria delirando? Será que havia aspirado capim demais e estava chafado? Até onde sabia capim não era alucinógeno. Mas bem que desconfiara daquela sensação de diluição, de ego perda e ego morte... Milhões de outras perguntas passaram por sua cabeça bovina. E se não voltasse a acordar? E se aquilo fosse realidade. O que faria? O que diria para a sua mulher. E como disse um filósofo uma vez, todo “e se”, já é. E já era mesmo. Não voltou.

Em meio a todo aquele desespero, ele se recordou do cheiro do capim, seu único

consolo, e da fome voraz que sentia. Correu o mais depressa possível para o pasto para se esbaldar na forrageira que quanto mais cortava com os dentes, mais suas narinas mergulhavam naquele aroma gostoso, e mais ele se deleitava com aquilo.

Os dias foram se passando. Enquanto a família o procurava junto com a polícia, ele ruminava e aspirava aquele mato preendido com os seus dentes. Mastigava|engolia aquele aroma. *Morde, morde; mastiga, mastiga; tritura, tritura; engole...

Até que um dia um homem veio e o arrebanhou com outros animais do pasto. Quem era aquele? Sua memória falhava, mas, se não se enganava, aquele era Aderval, seu peão de confiança. Certamente seria levado para o curral, onde todos os dias teria mato cortado e triturado para comer. Tinas e mais tinas dele. E assim foi feito.

Após alguns sóis e luas ali, ele e seus companheiros, foram conduzidos para uma grande caixa de madeira vazada com rodas de borracha que logo entrou em movimento. Enquanto viajava, ele imaginava outro grande pasto cujo capim exalava mais do que o anterior.

Em breve, ele se viu desembarcando em outro curral. Entretanto, à frente dele, havia um prédio grande e branco, com grandes janelas envidraçadas, que se erguia imponentemente. Dele exalava um cheiro repugnante. Homens de branco com chapéus engraçados iam olhá-los, metiam as mãos em seus traseiros sem lhes perguntar se queriam aquilo e iam embora, sem lhes dizer nada, para averiguar algo em gados de outros pastos, instalados em currais próximos. Nada de capim.

No outro dia, pela manhã, ele acordou faminto. Mais homens de branco apareceram e o levaram junto com seus amigos por um corredor estreito, enquanto uma ducha de água fria, a uma pressão de 2 atm's esguichava sobre eles um líquido amargo. "Água clorada", pensou ele.

O engraçado é que os bois dos outros currais também haviam sido levados, mas não retornaram. Será que estariam no pasto?

À medida em que se aproximava da porta por onde seus amigos sumiam, para não mais aparecer, ele ainda sonhava com o cheiro de capim enquanto o odor repugnante entravalhe pelas narinas.

Enfim chegou a sua vez. Quando entrou naquele box repleto de uma sopa vermelha, mistura de água e sangue, foi que entendeu o que estava fazendo ali. Sentindo-se como um judeu enganado pelos nazistas assassinos, sem ter para onde fugir, ele fechou os olhos e esperou que a pistola pneumática o atingisse na cabeça e o despachasse direto para a terra das aventuras-sonho.

Sua busca e encontro foram nobres, afinal, não é todo dia que se sente o cheiro de capim cortado ou se tem a chance de conhecê-lo. Mas era uma pena que em sua ansiedade de desfrutar aquele aroma, ele não houvesse escolhido o tipo de gado que queria ser: se de corte ou de leite. Como o Universo sempre nivela as coisas por baixo, ficou no grupo de corte.

E enquanto a sua família o procurava, esperava o retorno de sua viagem sem volta assistindo os algodões flutuarem, ela degustava a sua carne alimentada pelo capim cujo cheiro permitiu que o embriagasse e o mantivesse cego. Mas ele jamais acordaria. Viveria eternamente nas terras das aventuras-sonho virando restos e sendo digerido, exalando o cheiro de que nem mesmo a sua carne se livrara.

POEMA SECO

(12 DILEMAS)

Luís Pimentel

1.
Seco.
O talo seco.
O osso rasga a carne
seca.
Do peito seco só esguicha
espinhos de macambira,
a salmoura da palma,
o suor do mandacaru.
Seca
a seiva, o sumo, o sol.
Seco o ventre, o vento é
seco.
Do chão explodem as cascas
da ferida.
Do céu respinga o último
suspiro.
2.
Sobre espinhos, sob o sol
o esqueleto marrom e ressecado
espicha-se
onde o tempo cravou
suas esporas.
A cabeça do boi
espetada na cerca
o couro do boi
estendido na paisagem
o olho do boi
lambido pela mosca insone.

O olho do menino assiste a tudo
e varre o cenário
onde o nada se impõe:
há desgraça bastante
para a longa noite de pesadelos.

7.
A carne escapa do osso
que se desintegra.

O menino e sua sede
em direção ao infinito
vai montado num cabrito
buscar o mel da cacimba.

O menino, a sede, a seca
formando um só espantalho
braços abertos pro nada
entre o curral e a caatinga.

Onde a água nem respinga
Só se vê bicho enfezado.

10.
Pergunta ao pai
ao filho
ao espírito santo
ao porco enlameado
ao cabrito esturricado
à primeira pedra
à última nuvem:
Por que me abandonaram?

11.
Lá está a cajazeira, o tempo, o mandacaru.
A casa ou o que restou dela, céu de lágrimas, olho nu,
lá está a derradeira imagem da fantasia;
onde o tempo, noite e dia, se perdia sem história.
Mora lá, punhal azul,
feito espinho na memória.



ELTON MAGALHÃES

Mestre em Literatura e Cultura, professor da Universidade Católica de Salvador, poeta e cordelista. Participou de 2 antologias nas quais foi premiado (Editora LiteraCidade, 2014, e Editora Vivara, 2015). Organizou o livro *O Português na Língua do Cordel*, a partir de textos didáticos em Cordel produzidos por alunos do IFBaiano (Catu). Já publicou diversos folhetos em Cordel - impressos e em formato digital. Escreve casualmente para o *Jornal Correio* (Bahia) publicando textos em Cordel sobre as festas populares da Bahia. Promove oficinas e faz palestras cuja temática é a Literatura de Cordel.

foto: Marília Magalhães

Nanda Leturiondo Coordenou Oficinas de Leitura para crianças e adolescentes pelo Grupo Vide Verso de agosto de 1997 a dezembro 1999. Participa do grupo UQT – Por uma questão de texto, formado por 10 mulheres e que há 16 anos vem produzindo saraus lítero-poéticos semestrais em Salvador. Participou de recitais poéticos com o grupo Di-Versos, oriundo da Escola Lucinda de Poesia Viva. Criou e escreve desde 2014, em parceria com Esther Blanco, o blog *Lena & Lola*. É uma das autoras do LIVRO *CÃO*, narrativa multifacetada que mistura poesia, fotografia e relatos em prosa, lançado pela Bainema Via Editorial em 2016. Atualmente produz o grupo de contadores de histórias *Canastra Real*, que performatiza poemas, narrativas da literatura, da tradição oral e do cancionero popular, além de composições próprias.

foto: Esdras Santana



NANDA LETURIONDO

Ainda na juventude, participou de coletâneas e festivais de música e poesia. Ariscou-se, também, como compositor popular. Atualmente prioriza a narrativa curta e pesquisas para composição de trabalhos artísticos e científicos. Colabora no *Jornal A Tarde* na coluna *Opinião* e pertence ao quadro docente da UNEB (Universidade do Estado da Bahia), através da qual preside o SINBAIANIDADE (Simpósio Internacional de Baianidade) e CILLAA (Congresso Internacional de Línguas e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras).

foto: Marcelo Delfino



GILDECI LEITE



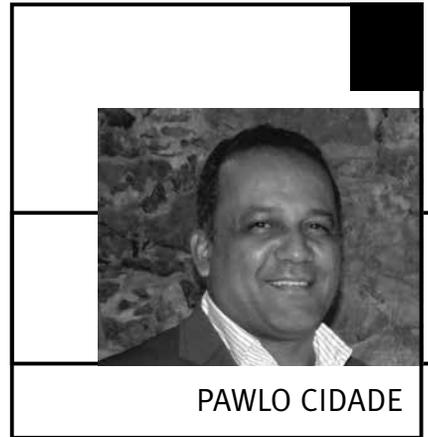
JOÃO LOPES FILHO

João Lopes Filho, poeta, psicólogo, especializando-se em Psicanálise, graduado em História, foi empregado da Caixa Econômica Federal de 1981 a 2015, mantém o blog Quanta Palavra e organizou duas edições (2014 e 2015) do Sarau do Boi Encantado em Alagoinhas/BA. Escreve poemas desde os 17 anos.

foto: Arquivo Pessoal

Pawlo Cidade, pseudônimo do escritor João Paulo Couto Santos, é ilheense, nascido a 23 de junho de 1968, graduado em Pedagogia pela UESC, pós-graduado em Metodologia da Educação Ambiental e Especialista em Gestão Cultural. Ator, produtor, autor e diretor de Teatro, com 31 espetáculos montados. É autor de vários livros infanto juvenis. Membro da Academia de Letras de Ilhéus (cadeira 13) e da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT; ex-presidente do Conselho Municipal de Cultura de Ilhéus e do Fórum de Agentes, Empreendedores e Gestores Culturais do Litoral Sul; membro do Conselho Estadual de Cultura e ex-presidente do Colegiado Setorial de Teatro da Bahia; É especialista em Gestão Cultural e Projetos Culturais pela Universidade Estadual de Santa Cruz, pelo Ministério da Cultura e pela Fundação Getúlio Vargas. Atualmente é consultor de Políticas Públicas para a Cultura.

foto: Ruy Penalva



PAWLO CIDADE

Poeta, participa do coletivo de poetas Ilusionistas do Verbo desde 2013, com publicações feitas virtualmente.

foto: Esdras Santana



ALMI JUNIOR

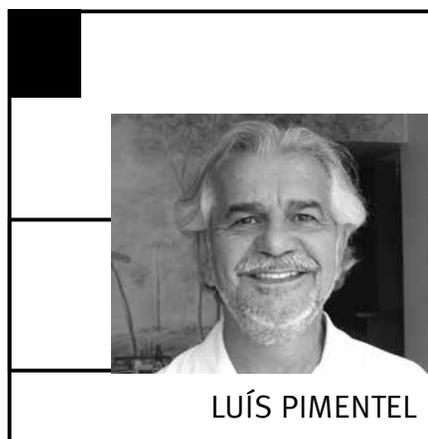


Mogg Mester é Médico Veterinário, formado pela UFBA, Pós graduado em Inspeção industrial de produtos de origem animal, e funcionário público da Prefeitura Municipal de Camaçari. Além disso é psicólogo formado pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, pós graduando do curso de Psicossomática Jungiana do IJBA. Atualmente, participa do projeto Guerreiros folclóricos como romancista e roteirista, junto com Joe Santos e Unique. Foi convidado para ser editor e produtor de conteúdos do Clube de Autores de Fantasia e publicou o volume um da trilogia A Auriflama do caos, pela Pimenta Malagueta. Tem participação na Revista Beco das Palavras onde publicou dois textos, um cada volume. Nas horas vagas, é joalheiro e gosta de esculpir anéis.

foto: Manuela Medeiros

Luís Pimentel é jornalista, escritor, roteirista e dramaturgo. Trabalhou em diversas redações de jornais e revistas do Rio de Janeiro, e atualmente assina uma crônica semanal em O Dia. Tem mais de 50 livros publicados, entre contos, poesia, ficção infanto-juvenil, textos de humor e sobre personagens ou aspectos da música brasileira. Entre eles destacam-se As miudezas da velha, poesia (Myrrha), O matador de aluguel e outras figuras, crônicas (Melhoramentos), Um cometa cravado em tua coxa, contos (Record), O calcanhar da Memória, poesia (Bertrand), Com esses eu vou, crônicas e perfis da MPB (ZIT), Grande homem mais ou menos, contos (Bertrand), Entre sem bater, o humor na imprensa brasileira (Ediouro), Pau Brasil (Moderna), Plantio e colheita, poesia (Prumo), Dois dedos de poesia (Global), Neguinho aí, infantil (Pallas) e Cenas de cinema – conto em gotas (Myrrha).

foto: Hortensia Amaral



FICHA TÉCNICA DO MAPA DA PALAVRA

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa dos Santos

Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT/BA)

Jorge Portugal

Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB)

Fernanda Maria Coelho da Costa Tourinho

Diretoria das Artes da FUNCEB

Maria Iris da Silveira

Equipe da DIRART da FUNCEB

Gabriela Harrison, Ernanda Peres, Manuela Veloso,

Marília Silva de Moura e Naiara Vieira

Coordenação de Literatura da FUNCEB

Karina Rabinovitz

Assessor da Coordenação de Literatura da FUNCEB

Ramon Arend Paranhos

Equipe da Coordenação de Literatura da FUNCEB

Iolanda Viana Lago, Irla Vanessa Andrade Mota e Urania

Miranda Ferreira

Assessoria de Comunicação da FUNCEB

Claudia Pedreira

Comissão de seleção do Edital Mapa da Palavra.BA

Ana Lúcia Silva Souza, Antonio Carlos de Oliveira Barre-

to, Cide Piquet Barreira Junior, Ivana Teixeira Figueiredo

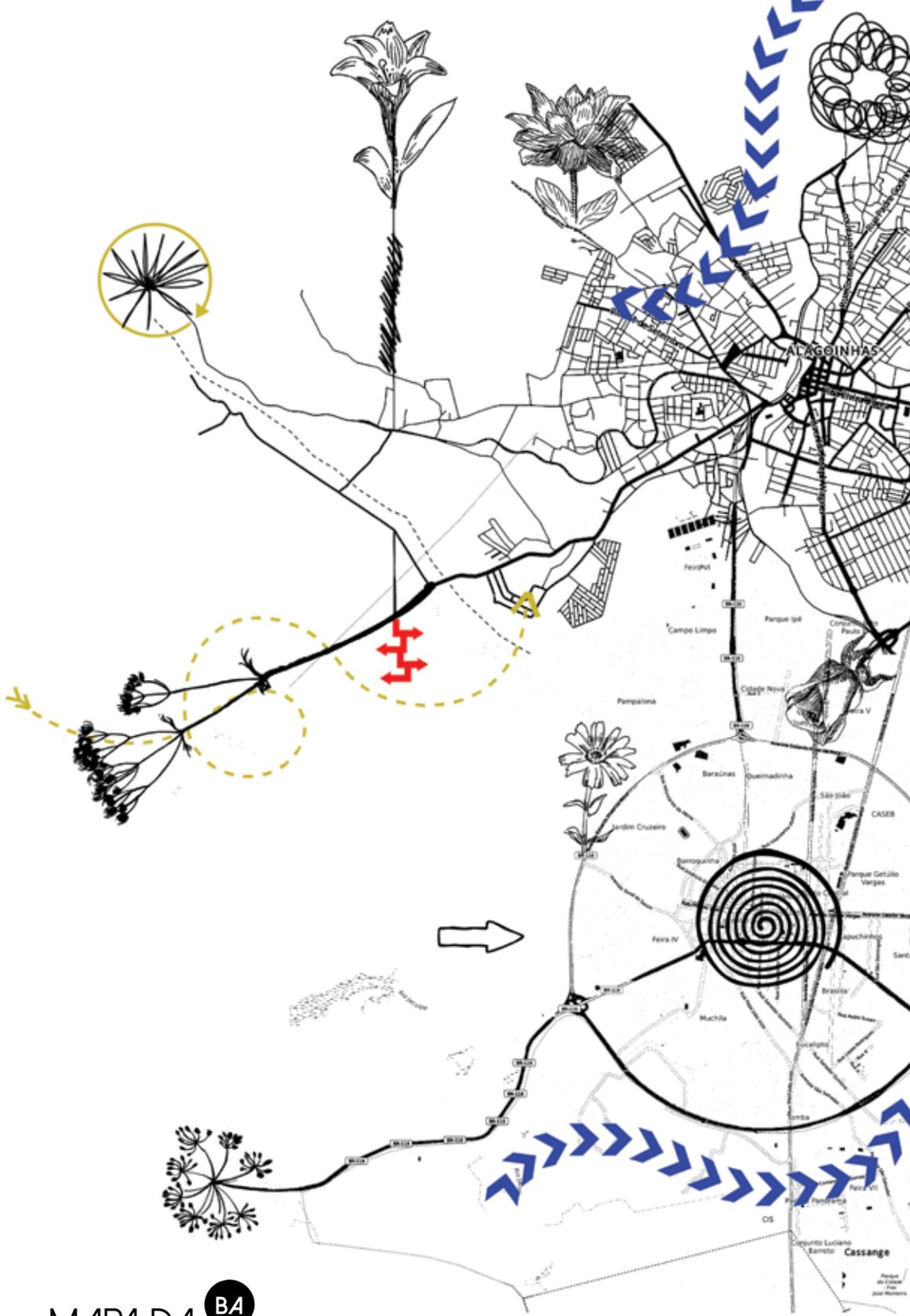
Gund e Karina Rabinovitz

Revisão

Ramon Arend Paranhos

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação

Nila Carneiro



MAPA DA **BA**
PALAVRA



SECRETARIA DE
CULTURA



www.mapadapalavra.ba.gov.br

